

Da partilha: corpo, objeto e espaço

PAOLA WICKBOLDT FREDES¹; MARTHA GOMES DE FREITAS²

¹UFPEl – paolawfredes@gmail.com

²UFPEl – marthagofre@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A presente reflexão faz parte de uma investigação, em andamento, no campo das artes visuais, desenvolvida junto ao projeto de pesquisa *Estudo sobre a Profundidade*, coordenado pela professora Dra. Martha Gomes de Freitas, no qual atuei como bolsista PIBIC/CNPq durante o período de setembro de 2022 a agosto de 2023. O projeto coloca-se a partir de uma discussão prático-reflexiva de produções que instigam, a partir de suas características plásticas e conceituais, questões sobre a profundidade enquanto chave de leitura e termo que suscita discussões.

Para o resumo aqui apresentado discorro acerca do trabalho autoral *O beijo* (2023), onde percebo o amadurecimento de algumas ideias que vem se fazendo presentes em minha pesquisa poética, perpassada pela vivência cotidiana no espaço doméstico, seus objetos e as relações de afeto cultivadas neste espaço. Para dialogar com essas ideias e colocar de forma mais assertiva meu pensamento, trago os poemas da escritora brasileira Ana Martins Marques intitulados *A Partilha* e *O beijo*, junto de dois trabalhos de artistas visuais, *Lugar Comum* (2016) de Valeska Soares e *O beijo* (1989) de Ana Maria Tavares.

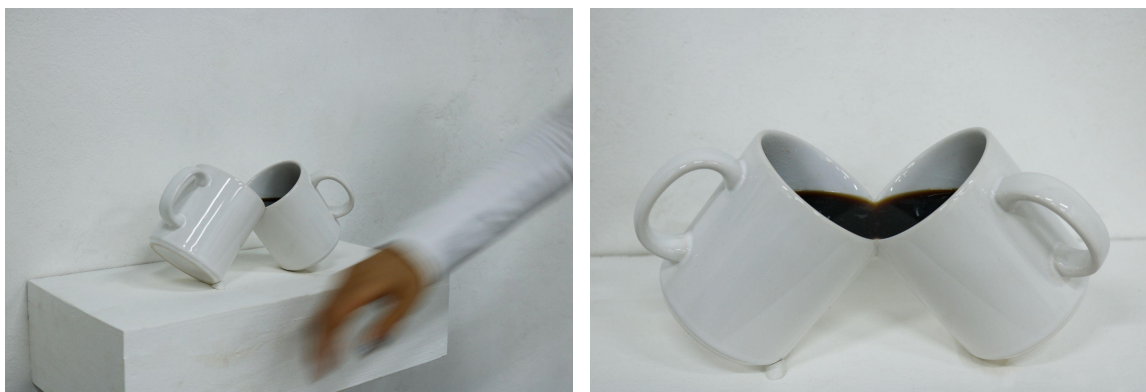


Figura 1: Paola Fredes. *O beijo*, 2023. Canecas de porcelana e café.
21,5x10x12cm

2. METODOLOGIA

Com *O beijo* (Figura 1) busco continuar minha investigação acerca dos objetos domésticos, daqueles que no espaço da casa acabam por ser encontrados na cozinha e usados sobre a mesa. Me interessa versar sobre seu uso através de analogias que apontam para um lugar onde ocorrem trocas, mediam-se relações entre corpos e concretizam-se laços de afeto. Quando me aproprio desses objetos proponho um entendimento do espaço da casa a partir da experiência tida junto de seus objetos, de memórias que refugiam-se dentre as

louças e se escondem no meio da pilha de pratos. Me interessa observar este lugar de lembranças guardadas, bem colocado por Bachelard:

Logicamente, é graças a casa que um grande número de nossas lembranças estão guardadas; e quando a casa se complica um pouco, quando tem um porão e um sótão, cantos e corredores, nossas lembranças têm refúgios cada vez mais bem caracterizados. A eles regressamos durante toda a vida, em nossos devaneios. (BACHELARD, 1993, p. 27-28)

Tal qual na canção *Naquela Mesa*¹ de Sérgio Bittencourt, onde o compositor versa sobre a mesa em que seu pai sempre se sentava, percebo que para ele essa mesa existe como abrigo dessas memórias partilhadas com seu pai, memórias que tornaram-se parte intrínseca do objeto. Observa-se que a saudade desempenha um importante papel nesse processo de rememoração, ela age como gatilho e acabamos por procurar ruídos de memória nesses objetos que, ao menos na casa, encontram-se próximos a nós diariamente.

O *beijo* (Figura 1) é constituído por um desses objetos, nele duas canecas de porcelana unidas pelas bordas, que por estarem coladas uma a outra, tornam-se um. No título faço um apontamento direto ao beijo, do toque de bocas, por perceber a borda da caneca como também um lugar de contato dos lábios, que tocamos ao bebermos algo. Dentro das canecas serve-se o café que, até o limite, preenche o espaço interior desse objeto e reafirma um estado de união, de partilha, ao percebermos a superfície escura do líquido que ocupa e conecta as extremidades das canecas. Um beijo carrega em si um aspecto de desejo e percebo que ao posicionar as canecas diagonalmente, uma indo ao encontro da outra, faço alusão também ao querer tocar, a um gesto que exprime a vontade de contato, que por fim resulta no dividir de um instante. Em A partilha, pequeno poema de Ana Martins Marques, reconheço essa intenção que move o trabalho, a de partilhar um momento a dois, ocupar o mesmo espaço.

Eu
e você

ao menos este poema
dividimos
meio a meio
(MARQUES, 2011, p.76)

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Relações são cultivadas em espaços que dividimos, percebo que em meu trabalho esse aspecto se torna caro por tratarem-se de objetos que são usados individualmente mas que aqui são expostos colados, fundidos um com o outro, partilhando do mesmo espaço.

Neste sentido trago como referência *Lugar comum* (Figura 2) de Valeska Soares. A obra é uma escultura constituída por um conjunto de quatro cadeiras de madeira, estas dispostas frente a frente são unidas pelo tramado de seus assentos que, por fim, torna-se essa estrutura contínua que assim como aponta o

¹ Canção composta em 1972 por Sérgio Bittencourt como homenagem póstuma para seu pai Jacob do Bandolim. No trecho me refiro aos versos “Naquela mesa ele contava histórias/ Que hoje na memória eu guardo e sei de cor/ Naquela mesa ele juntava gente/ E contava contente o que fez de manhã”

título, lemos como um lugar comum, compartilhado pelos quatro objetos. Assim, como em *O beijo* (Figura 1), reconheço o uso de objetos iguais indicando então uma relação mediada por semelhanças que acaba concretizada pela trama que as une, nesse procedimento de disposição e junção se fazem presentes as simetrias e algo que quase atinge um tipo de espelhamento, observa-se isto tanto em *O beijo* quanto em *Lugar Comum*.



Figura 2: Valeska Soares. *Lugar Comum*, 2016. Cadeiras vintage de madeira e caning. 87.5 x 130 x 130cm.

Para além disso, ao trazer uma dupla de canecas, quero falar de um encontro mais íntimo do que Valeska Soares sugere em *Lugar comum*, existem diferentes tensões que regem os conjuntos de objetos apresentados nos dois trabalhos mas que, ainda assim, versam sobre uma troca de afetos que ocorre junto e talvez até, através, de certos objetos domésticos.



Figura 3: Ana Maria Tavares. *O beijo*, 1989. Aço carbono, rodízios e anodizados. 120x60x200cm.

A escultura *O beijo* da série intitulada *Mesas*, de Ana Maria Tavares, é composta por duas mesas de longas pernas postas sobre rodas industriais, nos tampos de cada uma podemos identificar filetes de alumínio que se curvam um em direção ao outro, nesse movimento percebe-se a formação de uma trama de linhas que, de certa maneira parecem se encaixar. Para tanto, observa-se uma espécie de atravessamento nesse encontro de filetes, que para além da criação

desse desenho constrói uma estrutura, sugerida pelo uso do alumínio que se faz familiar ao âmbito da arquitetura. Entendo em meu trabalho algo parecido quando são postas as canecas em diagonal, de uma inércia criada pelo apoio dos dois objetos, nessa negociação entre lados cria-se uma estrutura que possibilita e eternização do encontro, observa-se também que, ao utilizar rodas nos pés das mesas a artista assume um caráter móvel do objeto, como algo que permite sua ida e a vinda mas, com a intenção de estarem próximos, eles permanecem juntos.

Podemos pensar que para além de uma discussão pautada pelos objetos, a partir de sua tridimensionalidade os trabalhos aqui citados versam de diferentes formas sobre o espaço, como algo que atravessa, preenche, partilha-se, ocupa-se, transita-se. Trago parte do poema intitulado *O beijo* de Ana Martins Marques, onde a escritora explora essas possibilidades a partir do interior de sua boca e coloca o beijo como movimento de troca entre corpos:

Ao me beijar
esqueceu uma palavra em minha boca

Devo guardá-la
embaixo da língua?
engoli-la como um comprimido
a seco?
mordê-la até sentir
seu gosto de fruta
estrangeira, especiaria, álcool
duvidoso?
devolvê-la
num beijo
a ele?
a outro?
(MARQUES, 2015, p.96)

Aqui a palavra esquecida se põe como o café em *O beijo* (Figura 1), elemento que transita entre os interiores desses corpos carregando consigo possibilidades acerca desse encontro.

4. CONCLUSÕES

Com a criação de *O beijo* (2023), proponho uma reflexão atravessada pelo conceito de partilha, de uma noção de corpo que se põe no espaço e se estende para os objetos. Ao longo do texto discorro sobre percepções próprias que permitem a leitura do meu e de trabalhos de outros artistas que cito, criando relações entre esses e a poesia da escritora brasileira Ana Martins Marques. Utilizo as canecas como ativadores de sentido e através delas exploro essa camada de intimidade que se faz presente no espaço doméstico. Para tanto, ao atuar no campo da escultura, de objetos necessariamente tridimensionais, me interessa iniciar uma discussão acerca do espaço, para além da casa, em direção a um conceito de presença do corpo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHELARD, G. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
MARQUES, A.M. **Da arte das armadilhas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
MARQUES, A.M. **O Livro das Semelhanças**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.